



KINLEY
MACGREGOR

Autora bestseller do *New York Times*

UM CAVALEIRO SOMBRIO

TOP
SEL
LER

«Adoro os livros de Kinley MacGregor.»
Stephanie Laurens

*A todos os meus leitores que tanto me apoiam, obrigada!
Às mulheres da RBL, que me proporcionam gargalhadas
diárias e a certeza de que é possível vivermos unidas.
Às mulheres e homens que visitam os meus websites e que
esperaram pacientemente pelos livros da Irmandade.
À minha família, em especial ao meu marido, que nunca
me deixa esquecer que o amor é mesmo o mais importante.
Aos meus amigos, que me apoiaram em tudo (Janet, Brynna,
Lo, Kim, Rebecca e Cathy), e à Lyssa, à May e à Nancy,
que me deixaram arriscar.
Acima de tudo, aos meus familiares e amigos que já
partiram — sinto muito a vossa falta.
Que o sol brilhe sempre sobre todos vós. Deixo-vos com um
grande abraço até que possamos voltar a encontrar-nos!*



IRMANDADE DA ESPADA

Prólogo



Vem sentar-te a meu lado, amigo e peregrino, pois tenho uma história para contar que decerto é para muitos de vós desconhecida.

É uma história de honra e amizade, de bravura e nobreza, de força e lealdade. É um conto de rapazes que se fizeram homens, não porque envelheceram em anos, mas porque sobreviveram ao fogo do inferno, de braço dado, costas com costas, indómitos e ousados, guiados apenas pelo seu código de honra.

Todos sobrevivemos.

Todos regressámos a casa.

Somos irmãos até ao fim.

Dizem que o aço mais forte é forjado nas fornalhas de Satanás. Testemunhei isso com os meus próprios olhos. Pois também eu fui um deles. Capturado numa terra conhecida por muitos como Outremer ou Terra Santa, fui feito refém pelos meus inimigos, e foi lá que encontrei estes nobres homens.

Éramos cinquenta numa cela. Apertados e enregelados, cansados, maltratados e abatidos. Mas não derrotados. Não, tais homens nunca seriam derrotados.

Pelo menos não por criatura alguma nascida nesta terra.

Apesar de os saber ainda mancebos e, em alguns casos, mal saídos da infância, a verdade é que a sua aparência mais se assemelhava

à de um qualquer mendigo de idade avançada. Os seus rostos estavam marcados pelo horror e pela fome, as roupas em farrapos, os corpos cobertos por chagas com sangue a escorrer por feridas antigas e recentes. Ainda assim, lutaram com uma força de vontade que ainda hoje me surpreende.

Dos cinquenta, cinco deles emergiram como líderes: o Espectro, que se movia de modo furtivo e sigiloso por entre os guardas; o Escocês, que se sacrificava pelos outros para que não fossem punidos; o Ceifeiro, que cuidava de nós e planeou a nossa fuga; o Feiticeiro, que arranjava distrações enquanto roubava tudo aquilo de que precisávamos; e o Abade, cujos conhecimentos e fé sem limites nos recordavam que ainda éramos humanos, embora vivêssemos como animais numa jaula imunda.

Eram os *Quinfortis*, um termo latino que significa «a força de cinco». Mantiveram vivos o nosso espírito e a nossa esperança, apesar de sermos diariamente torturados pelos nossos algozes. Sem eles, nenhum de nós teria regressado a casa.

Estaríamos agora todos mortos.

Todos.

É em sua homenagem que entoo esta canção.

O Ceifeiro.

Conheci aquele a quem a Irmandade designa de Ceifeiro no primeiro dia de cativo. O seu rosto estava tão deformado por uma tarefa recebida que mais se assemelhava a um monstro. Mas foram os seus olhos que me cativaram.

Argutos e perscrutantes, desvendaram a minha alma. Ofereceu-me a sua mão, como havia feito com os outros que foram levados contra a sua vontade, e disse-me que enquanto houvesse uma res-tia de fôlego no seu corpo, eu estaria protegido.

Não eram palavras vãs.

Na noite da nossa fuga do inferno, sete homens ficaram para trás para ocultar todos os vestígios.

Os *Quinfortis*, o Fantasma e o Pagão.

Enquanto embarcávamos num navio para casa, aqueles sete enfrentaram com bravura os nossos perseguidores, armados apenas com as suas mãos. Ainda agora, anos volvidos, consigo ver

o seu reflexo ao luar, lutando como paladinos possuídos enquanto fugíamos por sua ordem.

O Espectro, o Escocês, o Ceifeiro, o Feiticeiro, o Abade, o Fantasma e o Pagão. Homens que se recusavam a usar os seus nomes de batismo durante o cativeiro, uma vez que tinham sido reduzidos a animais forçados a lutar pelo seu sustento.

Homens unidos pelas cicatrizes e pelo juramento feito uns aos outros, assim como pela marca na mão direita, feita pelos seus inimigos para que nunca se esquecessem do tempo em que não passavam de animais.

Mas naquela noite, não foram animais que se soltaram das amarras, não foram homens ou mancebos.

Foram lendas.

Lendas cuja coragem e altruísmo nunca devem ser esquecidos.

Já antes contei a história do Espectro, que glosa as bênçãos que desde então recaíram sobre Simon de Ravenswood.

Está na altura de contar a história de um outro.

O Ceifeiro, mais conhecido para o mundo como Lorde Stryder, Conde de Blackmoor — um homem de muitos segredos e mais-valias.

Um homem que toda a sua vida tem lutado, e que ainda não tem consciência da beleza que pode ser encontrada fora do campo de batalha.

Para os mais curiosos entre vós, o meu nome, tal como o dos outros, foi ocultado durante o meu cativeiro. A Irmandade deu-me uma alcunha especial. Agora, uso o meu nome de batismo, mas nesta minha missão de apresentar ao mundo os heróis que conheci, podem simplesmente tratar-me por Menestrel. Sou um bardo errante, que procura fazer as pazes com o passado, enquanto se certifica de que todos ficam a par dos sacrifícios pessoais dos homens que formavam a nossa companhia.

E assim começa a saga da Irmandade da Espada...

CAPÍTULO 1



— **T**este de armas, o tanas. Deviam chamar-lhe teste de incompetentes — murmurou Stryder de Blackmoor enquanto se encaminhava para a sua tenda.

Não havia um único homem no campo com quem tivesse lutado que estivesse à sua altura. Mais valia lutar com o seu irmão, Kit, se era aquele o nível de perícia daqueles supostos cavaleiros.

É uma pena quando um homem não consegue encontrar um adversário à altura.

Havia, no entanto, quatro homens presentes no torneio anual com capacidade para o desafiar — os seus próprios cavaleiros que viajavam na sua comitiva: Raven, Will, Swan e Val. Contudo, àquela hora do dia, o único duelo que qualquer um deles estaria apto a travar seria consigo mesmo, para chegar ao roupeiro antes que os excessos da noite anterior os privassem de toda a dignidade.

Os cinco tinham passado muito tempo fora, e a tentação da corte inglesa e da sua decadência tinha sido impossível de resistir para os homens de Stryder. Os seus quatro cavaleiros tinham passado a noite anterior entregues ao folguedo e ao álcool.

O primeiro a desaparecer foi Will, que jantou com uma viúva rica e voluptuosa. Após a refeição e várias canecas de hidromel, Will saiu discretamente com a dama no seu encaço. Raven,

embriagado, tinha adormecido no salão pouco antes da meia-noite, obrigando Stryder e Swan a arrastá-lo para a cama. Assim que deitaram o jovem, Swan foi encontrar-se com a sua mais recente conquista — uma mulher que conhecia há uma hora.

E Val...

Val entrou numa disputa de copos com vários soldados do rei. Sem dúvida que sentiria as dores de cabeça durante uma semana ou mais, dada a quantidade de cerveja que havia consumido.

Stryder desejara boa sorte ao amigo e decidira recolher-se às 3h30 da manhã. Desde então que não via Val.

Ao ir tomar o desjejum antes do treino, Stryder não encontrou os seus homens nem no salão, nem nas respetivas tendas.

Por aquela altura, certamente já deviam ter acordado do seu torpor alcoólico.

Ou talvez não.

Assim que saiu do campo de treino, Stryder foi cercado por vários grupos de donzelas em busca da sua atenção. Todas elas variavam em idade e envergadura, mas havia algo que as unia: o desejo de se tornarem a próxima Condessa de Blackmoor.

Como ele desejava que Simon de Ravenswood estivesse ali para ajudar a afastar aquelas mulheres estridentes, que elogiavam as suas virtudes enquanto se acotovelavam e tentavam sobressair para captar a sua atenção. Até mesmo o seu irmão, Kit, seria uma ajuda.

Mas, como sempre, Kit não estava por perto. Estaria certamente a compor canções sentimentais e cheias de angústia com os seus amigos plangentes, que dedicavam todo o seu tempo a reflexões triviais e néscias.

Stryder afastou rapidamente esse pensamento para não se irritar ainda mais.

— Lorde Stryder, por favor, escolha-me como a Senhora de Todos os Corações! — gritou uma jovem ao seu ouvido enquanto lhe puxava os cabelos negros.

Stryder conteve um impropério enquanto lutava para se libertar da sua mão insistente.

— Não, serei eu a Senhora, verdade, milorde?

Stryder não conseguiu responder tal era a gritaria à sua volta. As duas mulheres agarraram-no e puxaram, cada uma por seu

lado, pela sua túnica e membros enquanto outras se afadigavam a enfiar o seu penhor na sua armadura e elmo.

Já para não falar nos seus culotes...

— Tenho uma madeixa do cabelo de Lorde Stryder! — gritou uma mulher antes de perder os sentidos.

As outras donzelas passaram por cima dela enquanto uma tentava tirar a madeixa de cabelo das mãos da mulher desmaiada. A donzela «inconsciente» deu-lhe uma dentada súbita e fugiu para longe com o seu troféu.

Estava lançado o caos, com as outras mulheres a tentarem arrancar-lhe pedaços de carne.

Stryder não queria magoar nenhuma delas, mas afastá-las sem violência parecia ser quase impossível.

— Minhas senhoras, minhas senhoras! — ressoou uma voz masculina. — Por favor, abram alas para Sua Senhoria, que precisa de confessar os inúmeros pecados que cometeu.

Stryder esboçou um raro sorriso ao reconhecer o sotaque carregado de Christian de Acre. Há quase três anos que não tinha o prazer de ver o seu velho amigo.

As mulheres amuaram em unísono, enquanto recuavam e davam espaço ao homem que trajava um hábito preto de frade.

No entanto, quando repararam na silhueta alta e musculada de Christian, os seus rostos refulgiram de imediato.

— É uma pena que seja monge — disse uma delas em alto e bom som.

— Sim — concordou uma segunda.

Mal sabiam elas que aquele homem loiro não estava comprometido com nenhum juramento sagrado. Christian usava roupas de monge para manter a sua identidade em segredo.

O disfarce era traído pelas esporas que ocasionalmente reluziam sob a bainha preta que arrastava pelo chão e pelo capuz preto que lhe cobria a cabeça para ocultar o facto de Christian não ter tonsura. Não era um clérigo que tinham pela frente, mas sim um dos melhores espadachins que Stryder alguma vez vira.

Já para não falar que na terra natal da sua mãe, Bizâncio, Christian de Acre era um príncipe com pretensões ao trono.

— Abade — saudou Stryder, enquanto apertava o braço que Christian lhe oferecia. — Há quanto tempo.

— É verdade — concordou Christian, reforçando o aperto de braço com uma palmada amistosa no ombro de Stryder. — Mas parece que pouco ou nada mudaste. — O olhar azul de Christian percorreu as mulheres à sua volta, que pareciam relutantes em deixá-los a sós.

Stryder exalou um suspiro.

— É verdade.

— Irmão? — dirigiu-se uma das mulheres a Christian, uma morena de baixa estatura e curvas exuberantes. O convite que bailava no seu rosto dizia que, se Christian aceitasse, ambos precisariam de um padre para os ouvir em confissão pela manhã. — Posso confessar-me mais tarde?

Um olhar atrevido brilhou nos olhos de Christian. Stryder percebeu que ele ponderava cuidadosamente a sua resposta.

A sua resposta foi aquela que Stryder já esperava. Christian podia ser um pagão nas suas crenças atuais, mas ainda tinha respeito suficiente pelo clero que o havia criado para nunca desonrar a sua reputação aceitando o convite de uma mulher enquanto envergava um traje sagrado.

— Com certeza, *milady*. Dizem-me que o padre local ainda tem algumas vagas. — O rosto da donzela denotou a sua desilusão. — Com a vossa licença.

Christian encaminhou Stryder para longe do grupo, em direção às tendas de cores vivas que os cavaleiros haviam montado numa colina, fora das muralhas do castelo.

Eram mais de trezentos, os cavaleiros que tinham feito a viagem até Hexham para participarem nos jogos, que durariam um mês e se realizavam todos os outonos. Ao contrário dos outros cavaleiros, Stryder não estava presente em busca de fama ou fortuna, já que tinha mais do que a sua quota parte de ambas. Estava em Hexham por ordem do rei, para que este pudesse tê-lo debaixo de olho, visto que ultimamente Stryder tinha sido protagonista de vários «acidentes». Tudo indicava que o cavaleiro era um alvo a abater, e até que descobrissem por quem, Henrique fazia tenções de manter Stryder por perto.

Stryder olhou por cima do ombro para garantir que nenhuma das donzelas os seguia. Apesar da tristeza com que os viam afastar-se, deixaram-se ficar para trás.

— O que te traz aqui? — perguntou Stryder a Christian. A expressão do amigo era sombria enquanto subiam a colina.

— Trago más notícias. Lysander de Marselha foi morto.

Stryder estacou ao ouvir a notícia. Lysander de Marselha tinha sido um dos homens feitos cativos em Outremer. Após a sua libertação pela Irmandade, o próprio Stryder tinha enviado Lysander para a Escócia para servir na casa de um amigo.

— Como é isso possível?

— Ele foi torturado e assassinado — disse Christian, deixando transparecer na voz o peso da raiva que Stryder sentia.

— Quem ousaria fazer tal coisa?

— Um inimigo do clã MacAllister — retorquiu Christian, com a voz eivada de raiva e tristeza. — Depois de Lysander e o Pagão terem ajudado Ewan MacAllister a voltar para casa, Lysander foi capturado e morto pelos seus préstimos. Vou agora para norte para ajudar o Pagão a encontrar e a punir os responsáveis.

— Precisas de outra espada?

O rosto de Christian relaxou de imediato.

— Eu diria que sim, mas o simples facto de estares aqui, em Inglaterra, e não no continente, diz-me que estás ao serviço do rei e que não terás licença para partir.

Stryder rosnou.

— Sim. Mas não me agrada que um dos nossos tenha sido morto.

— Acredita que todos sentimos o mesmo.

Stryder não tinha dúvidas. Não tinham sobrevivido aos horrores do cativeiro para serem torturados e assassinados em casa. A raiva que sentiu revirou-lhe as entranhas e fê-lo querer sangue.

— Jura que farás o culpado pagar.

— Podes estar certo disso. O Pagão escreveu-me e disse que queria mostrar ao assassino de que modo os sarracenos tratam os prisioneiros.

Stryder esboçou um esgar involuntário ao lembrar-se de algumas «lições» que tinha aprendido às mãos dos seus captores.

Aqueles pagãos sabiam bem como fazer alguém arrepender-se de ter nascido, e quando se tratava de atos sangrentos, duvidava que houvesse alguém mais habilitado do que o Pagão. Ninguém sabia qual era a sua verdadeira nacionalidade, mas todos conheciam a facilidade com que o Pagão cortava qualquer garganta disponível.

— Ótimo.

Christian deu-lhe uma palmada nas costas e retomou a marcha colina acima.

Enquanto caminhavam, Stryder começou a retirar as fitas e ligas que as mulheres tinham depositado na sua armadura e no seu elmo.

Christian soltou uma gargalhada cava enquanto o observava.

— A eterna maldição de seres perseguido pelo doce sexo.

Stryder olhou para ele, divertido.

— Acho que devia falar-lhes do Príncipe Christian. Isso deve distraí-las de mim e das suas intenções de casamento.

— Não te serviria de nada, já que estou prometido.

— Ah — disse Stryder, rindo-se. — A princesa misteriosa que nunca viste. Diz-me, achas realmente que ela ainda está à espera do teu regresso?

— Oxalá não fosse assim, mas as cartas que recebo do meu tio a pedir para voltar para casa para me casar com ela são em número suficiente para me provar que ela ainda aguarda pacientemente pelo meu regresso a casa.

A voz de Christian denotava a ira que sentia em relação a isso. Stryder conhecia o seu amigo ao ponto de saber que Christian desejava que a donzela encontrasse outro cavaleiro para casar. Tal como ele, Christian era feliz como solteiro e dispensava as amarras de uma mulher.

Pelo menos, mais do que uma noite.

Stryder encaminhou-se para a sua tenda às listas vermelhas e brancas. Pousou o elmo na mesa e descalçou as luvas.

— Vais regressar para casar em breve?

A raiva brilhou nos olhos de Christian.

— Não tenho vontade de voltar para casa por muitas razões. Posso ser príncipe, mas não lhes devo nada. Agora só devo fidelidade à Irmandade.

Stryder assentiu, concordando. A família de Christian era a razão pela qual ele residia no mosteiro quando da sua captura pelos sarracenos em Acre. Após a morte dos pais de Christian, o tio enviou-o para junto dos monges com apenas 6 anos, na esperança de controlar o sobrinho para que, mais tarde, quando regressasse a Bizâncio, pudesse fazer dele um rei fantoche.

O plano não podia ter corrido pior, já que o homem que estava agora diante de Stryder era mais forte do que o aço, impossível de controlar por quem fosse.

O escudeiro de Stryder, Druce, entrou na tenda a correr. O rapaz, nos seus 14 anos, era desengonçado e maljeitoso. Tinha o cabelo preto encaracolado cortado curto, mas sempre em desalinho. Passava os dias a sonhar acordado e a tropeçar em tudo. Mesmo assim, Stryder nunca perdia a paciência com ele.

Tal como Stryder na sua idade, Druce era órfão e protegido da coroa.

— Peço desculpa pelo atraso, milorde — disse Druce enquanto pegava num banquinho e o arrastava na direção de Stryder. — Fiquei a ouvir uma contadora de histórias fantástica. Podia passar o dia a ouvir as suas histórias de amantes traídos pelo destino. — Druce subiu para o banco e estendeu a mão para desatar os atilhos da parte de trás da armadura de Stryder.

Stryder respondeu-lhe com um grunhido, mas baixou-se para lhe dar melhor acesso aos atilhos.

Stryder apercebeu-se assim que Druce deu pela presença de Christian, uma vez que o rapaz se desequilibrou e caiu do banco, quase derrubando o cavaleiro antes de se esparramar no chão.

O escudeiro olhou para cima, num esgar de arrependimento.

— Lamento muito, Lorde Stryder. Interrompi alguma coisa?

— Não — respondeu Stryder, enquanto o ajudava a levantar.

— Eu e o Christian estávamos a falar de assuntos inconsequentes.

— Stryder apresentou o rapaz a Christian. — Christian de Acre, este é Druce, o meu protegido e escudeiro.

— Saudações, Druce — disse Christian, antes de se virar para Stryder. Os seus olhos denotavam ainda maior preocupação. — Aconteceu alguma coisa ao Raven?

— Não, foi feito cavaleiro há alguns meses e está a curar uma noite de folguedo juvenil.

Com o rosto mais descontraído, Christian soltou um resmungo enquanto Druce retomava a tarefa de desarmar Stryder e o relato sobre a mulher que estivera a ouvir.

— Já ouviu falar da Senhora do Amor, milorde?

— Não — respondeu Stryder.

— Eu já — disse Christian, enquanto se sentava na mesa e se servia de uma caneca de cerveja. — Faz mesmo o teu género, Stryder. Trovadora de renome, despreza os cavaleiros e canta apenas sobre o amor cortês e sobre a sua necessidade nesta época de grande violência.

Stryder torceu os lábios ao ouvir aquilo. Se havia uma coisa que odiava acima de tudo, eram aqueles que cantavam os louvores das virtudes do amor cortês. Esse dito sentimento nobre custara mais vidas e conflitos do que qualquer espada.

— Malditos sejam todos os da sua laia.

— Não, milorde — corrigiu Druce, sonhador. — Ela é mais bonita do que Vénus e tem a voz da cotovia mais doce. Certamente que a senhora não tem igual. Devia ouvi-la a descrever como seria o mundo se ao menos procurássemos a paz com a mesma paixão com que buscamos a guerra.

Stryder trocou um olhar significativo com Christian.

— Ainda és novo, Druce. Um dia vais perceber que todas as mulheres são iguais. Querem apenas um homem que goste delas para poderem atormentá-lo até à loucura com as suas reclamações. Servem apenas para uma coisa.

— O quê, milorde? — quis saber Druce.

Os olhos de Christian dançaram de alegria.

— Isso vais descobrir por tua conta, rapaz. Mas ainda és muito novo para isso.

A boca de Druce formou um pequeno O enquanto recolhia as peças de malha de Stryder, o que indiciava que o mancebo já não era inexperiente naquelas matérias.

Stryder atirou-lhe um saco de moedas.

— Entrega a armadura ao armeiro para ser polida e aproveita o resto do dia.

Druce sorriu, agradeceu-lhe e saiu a correr com a cota de malha a tiracolo e o dinheiro cuidadosamente guardado na mão.

— Mima-lo demais — comentou Christian.

Stryder encolheu os ombros.

— As crianças devem ser mimadas. Quem me dera ter tido isso na idade dele.

O olhar de Christian refletiu o assombro que sentia e Stryder ponderou se os seus olhos indiciariam assim tão claramente as cicatrizes do seu passado.

Tal como ele, Christian fora criado com base em princípios de educação muito rígidos.

Stryder era capaz de deitar um homem adulto ao chão com um único golpe. A ideia de bater em alguém mais pequeno causava-lhe um aperto na garganta. Com um golpe descuidado, era capaz de matar o rapaz. Na verdade, o próprio senhor de Stryder tinha-lhe partido o queixo, quando ele tinha a idade de Druce, só por ter deixado cair a sua espada.

Era um risco que ele nunca haveria de correr. Preferia cortar o braço a atacar alguém mais fraco do que ele.

Stryder pegou numa toalha ao mesmo tempo que a aba da sua tenda foi corrida para trás. Quase esperava ver uma donzela a entrar para se atirar a seus pés, mas foi apanhado de surpresa ao deparar-se com o seu irmão mais novo, visto que Kit não morria de amores pelos duelos e poucas eram as vezes em que se aproximava da tenda de Stryder.

Tal como acontecera com Druce, Kit não reparou em Christian, sentado a um canto.

Com um traje garrido vermelho e cor de laranja, Kit trazia nas mãos uma grande cesta cheia de cartas e de várias peças de vestuário feminino.

— O que é isto? — perguntou Stryder, enquanto Kit depositava tudo a seus pés.

Kit tirou o chapéu cor de laranja da cabeça e enxugou o suor da testa com o braço.

— Penhores das tuas admiradoras. Mandaram-me entregá-los pessoalmente e garantir que mais nenhum ser humano lhes tocava.

Christian soltou uma gargalhada.

Kit virou-se de repente e olhou para o homem recostado na cadeira com uma caneca de cerveja pousada na barriga e as longas pernas esticadas à frente e cruzadas nos tornozelos.

Os olhos azuis de Kit arregalaram-se consideravelmente.

— Agora dás-te com clérigos?

Stryder soltou um grunhido.

— Não, Kit. Apresento-te um velho amigo, Christian. Christian, o meu irmão mais novo, Kit.

Christian baixou ligeiramente a cabeça na direção do irmão de Stryder.

Kit não desviou o olhar de Christian, e a curiosidade tomou conta de si mal reparou nas suas esporas e nas botas cobertas por malha que espreitavam por baixo das vestes pretas.

Stryder pigarreou para chamar a atenção de Kit. Assim que o irmão se virou para si, Stryder abanou subtilmente a cabeça e lançou um olhar de censura a Christian.

Kit percebeu de imediato a dica para não fazer perguntas e virou as costas a Christian. Inclinou-se e tirou da cesta uma fita vermelha brilhante com uma chave presa.

— Esta donzela pediu-me para garantir que recebias o seu penhor, caso contrário, envenenaria a minha comida. Por isso, para não ter de contratar um provador, prefiro entregar-te isto em mãos.

Stryder revirou os olhos enquanto Kit quebrava o selo da carta que também estava presa à fita. O irmão leu-o em voz alta.

— «Milorde, é para mim uma honra entregar-lhe a chave do meu cinto de castidade. Estarei à sua espera esta noite no pátio das rosas. Sempre sua, Charity de York.»

— A chave de um cinto de castidade? — perguntou Christian, divertido.

— Sim — disse Stryder, com azedume. — E um convite para um casamento forçado.

Christian riu-se novamente.

— E ainda te perguntas porque prefiro usar o hábito. É o melhor escudo que encontrei contra noivas ardilosas, e mesmo assim não é infalível, como testemunhaste.

Stryder devolveu a chave a Kit.

— Diz à donzela que já tenho um compromisso.

Kit arqueou uma sobrancelha e lançou mão a uma das coquilhas de Stryder. Este franziu a testa enquanto via o irmão prender a coquilha entrepernas.

— O que estás a fazer?

— A última vez que disse a uma das tuas apaixonadas que a tua resposta era «não», fui atingido na minha virilidade. Desta vez, quero estar protegido quando lhe der a notícia. — O riso de Stryder fez coro com o de Christian. — Não tem piada nenhuma — disse Kit, ofendido. — Achas que o que fazes é perigoso? Então, põe-te no meu lugar um dia destes e vem enfrentar a grande Horda Ovariana.

— É por isso que peço para falares por mim, meu irmão. Não tenho coragem de as enfrentar.

— O quê? — atirou Christian, num espanto fingido. — Stryder de Blackmoor com medo? Nunca pensei ver o dia em que uma donzela te fizesse vacilar.

— No dia em que tirares as vestes de clérigo e envergares a tua coroa, Alteza, terás todo o direito de troçar de mim. Até lá, admite que és tão covarde como eu.

Os olhos de Christian brilhavam, travessos.

— As mulheres fazem mesmo de nós uns cobardes.

Kit abriu a boca, mas repensou no que ia a dizer. Pegou num escudo e dirigiu-se para o exterior.

— Se eu não voltar até ao anoitecer, por favor, certifica-te de que sou enterrado na minha pátria.

Stryder abanou a cabeça à brincadeira do irmão, no entanto...

Não. Nenhuma mulher faria mal a Kit.

Assim que ficaram sozinhos, Stryder lavou a cara e o peito na tina, e enxugou-se.

— Como é que depois de tudo aquilo por que passámos nunca soube que tinhas um irmão? — perguntou Christian enquanto Stryder colocava a toalha sobre o ombro e avançava para se servir de um cálice de vinho.

Stryder reprimiu a dor que aquela pergunta inocente lhe causava. Apesar de ter partilhado grande parte da sua vida com Christian, havia muitas coisas que não tinha dito a ninguém, coisas que nunca diria a ninguém.

— Somos meios-irmãos e crescemos separados.

— Ah — foi a resposta de Christian enquanto via o amigo sentar-se à sua frente.

Stryder parecia cansado. Os seus olhos azuis estavam sombrios, mas a verdade é que Stryder não era conhecido pela sua ligeireza de espírito. O amigo, tal como ele próprio, sempre fora demasiado sério.

Simon de Ravenswood chamava-lhes a Dupla do Juízo Final. Mas a verdade era que todos eles tinham tido um contacto demasiado presente com o lado mais sombrio da crueldade humana.

Fora o suficiente para os privar do otimismo.

— Tens visto o Escocês? — perguntou Stryder.

— Faz em setembro um ano que o vi pela última vez.

— Como estava ele?

Christian suspirou ao lembrar-se do companheiro que tinha escolhido esconder-se na zona rural de Inglaterra em vez de voltar para junto da família na Escócia.

— Na mesma. Está em reclusão e recusa-se a mostrar a cara seja a quem for. Mal falou comigo enquanto estive lá.

Stryder olhou para o lado, com a testa ainda mais franzida. Christian sabia que ele se culpava pelo que tinha acontecido ao Escocês durante o cativeiro.

— A culpa não foi tua.

Christian referia-se ao incidente ocorrido quando um dos elementos do seu grupo tentou escapar. Com apenas 16 anos, a via de fuga do rapaz tinha sido descoberta antes que qualquer um deles tivesse tido a oportunidade de a usar.

Quando os sarracenos quiseram castigar um deles, o Escocês avançou para assumir a culpa, sabendo que o responsável nunca sobreviveria ao castigo.

Os algozes torturaram o Escocês durante quinze dias. Quando voltou para a cela, tinha perdido um olho e ficado desfigurado.

O Escocês nunca mais fora o mesmo, e Stryder culpava-se desde então por não ter assumido a culpa.

— Não podes carregar os males do mundo, Stryder. Há coisas que já estão destinadas.

Stryder bebeu um gole de vinho, sem nada dizer.

Nem precisava. Os dois homens conheciam-se há tanto tempo que Christian sabia o que lhe ia na cabeça.

O que tinham feito fora difícil e nunca seria esquecido. Tinham mais compromissos do que aqueles que podiam cumprir e ambos se sentiam responsáveis por todos os elementos da sua guarda.

Tinham escolhido uma vida de solidão.

Sim, podiam ter a companhia de qualquer mulher que escolhessem, donzela ou não, mas e depois?

Nenhum dos dois precisava ou queria o fardo de ter uma esposa que exigiria ainda mais do seu tempo precioso.

Christian tinha o fardo de um reino à sua espera, mas Stryder... tinha demónios que o dominavam, demónios que nunca lhe dariam paz.

Nunca.

Christian só esperava que, no final, o seu amigo não enlouquecesse tal como o pai.

Todos sabiam que Geoffrey de Blackmoor tinha morrido às suas próprias mãos.

Mas não sem antes ter tentado matar o próprio filho.

CAPÍTULO 2



— **D**evias ter visto, Rowena. Rowena de Vitry esboçou um sorriso paciente enquanto Elizabeth, a sua dama de companhia, divagava e as respetivas aias preparavam os seus cabelos e véus para o jantar. Estavam ambas sentadas em cadeiras de madeira diante de uma janela aberta.

— Lorde Stryder saiu da sua tenda enquanto nos encaminhávamos para o castelo. Estava a pouco mais de um metro de nós, e praticamente nu. — Elizabeth suspirou languidamente enquanto apoiava o cotovelo no toucador e olhava para o vazio.

Rowena fez os possíveis para não revirar os olhos ao comportamento juvenil da amiga. Não tinha dúvidas de que, por ela, Elizabeth passaria o dia a olhar pela janela e a sonhar com o conde.

— Nunca vi um homem de tão belas formas. O cabelo negro estava molhado e pingava para os músculos e... — Elizabeth exalou novo suspiro. — E aquele peito. Juro que se conseguem ver todos os músculos retesados quando respira.

Rowena sentiu o sorriso a esbater-se.

— Sim, aposto que também se retesam quando espetam a espada no corpo de um homem para lhe tirar a vida.

— Claro — concordou Elizabeth, endireitando a postura para que a aia pudesse enrolar e fixar as tranças na cabeça. — Dizem

que é o cavaleiro mais valoroso de toda a Cristandade. Caso contrário, não teria sido eleito paladino do rei.

— Tens razão — sussurrou Rowena, cerrando os dentes. Cavaleiros. Desprezava-os e a tudo aquilo que significavam. Para ela, não havia nada de glorioso na batalha ou na morte.

Que homem de verdade se orgulharia de espalhar miséria e desespero?

Desde que, aos 11 anos, recebera a notícia de que o seu amado pai fora morto em combate, desprezava a guerra e os que nela participavam. Ao contrário das amigas, não desmaiava diante da visão daqueles mercadores da morte. Não, pelo contrário, afastava-se deles.

E amaldiçoava-os a todos.

O que ela procurava era um homem gentil. Um homem piedoso que soubesse ser compassivo sem recear que isso o enfraquecesse.

Encontra um homem que te ame e que mereça a tua devoção. Que nenhum homem te tenha por certa. Preferia entregar tudo a Henrique a ver a minha menina infeliz. A vida é demasiado curta para todos nós, e quero que aproveites todos os teus dias.

As palavras do pai ainda ecoavam na sua mente e, mais importante, no seu coração. Tinha sido um bom homem, e era com alguém como ele que ela queria casar.

Infelizmente, ainda não tinha encontrado um homem que se aproximasse dos seus méritos. Era cortejada apenas por homens que só viam nela terras e riqueza.

Aos 15 anos, tinha chegado certa vez a um banquete vestida como uma pepita de ouro, causando grande agitação entre os nobres. O seu tio, que não achou piada nenhuma, castigou-a com o cinto e obrigou-a a mudar de roupa.

Apesar de nunca ter repetido a experiência, Rowena continuava igual a si própria. Nunca aceitaria um homem que a visse como o meio para alcançar um fim. Só se casaria com um homem que a visse como uma mulher.

— Achas que o Lorde Stryder me escolherá como a Senhora de Todos os Corações? — prosseguiu Elizabeth. — Sei que vai ser ele a vencer o torneio, e gostaria muito de ser a escolhida. — Ruborizou. — Deixei-lhe o meu lenço como penhor quando nos ajudou a trazer a Joanne para dentro. Achas que o guardou?

Rowena esboçou um sorriso genuíno. A amiga não tinha culpa de se apaixonar por um bárbaro. E apesar de lhe custar ouvir aquilo, queria bem a Elizabeth o suficiente para não destroçar os seus sonhos. Se ser colocada ao ombro de um homem e ser tratada como um objeto fazia a amiga feliz, e fazia mesmo, Rowena só podia desejar à amiga tudo de bom e todos os bárbaros que satisfizessem o seu coração.

— Porque não haveria de guardar o penhor de uma mulher tão bela como tu?

Elizabeth sorriu.

— És muito amável, Rowena. Espero que o salão esteja cheio para o teu recital.

Rowena olhou de relance para o seu alaúde, que repousava no peitoril da janela. A música e a poesia eram a sua vida. E aquela era a única vida que queria. Enquanto as suas damas de companhia sonhavam com maridos, filhos e títulos, ela sonhava em viajar de castelo em castelo, cantar a troco do jantar e ver o mundo ou, pelo menos, fundar uma escola onde pudesse ensinar os outros a apreciar a música tanto como ela.

Mas ao contrário dos trovadores do sexo masculino, que escreviam canções que glorificavam a guerra e os cavaleiros, ela só escrevia sobre o amor.

A sua posição contra a cavalaria era muitas vezes ridicularizada por outros trovadores e nobres, que a consideravam tola. No entanto, ela não se importava. Já tinha ganhado prémios e concursos suficientes com as suas palavras de amor para não precisar da aprovação dos menestréis tradicionais. Acreditava na sua música.

Se ao menos o pai tivesse vivido o suficiente para assistir ao seu sucesso...

Rowena pestanejou para afastar a névoa que ameaçava tomar conta dos seus olhos. Mesmo passado tanto tempo, o seu coração ainda sofria com a ausência do seu amado pai. Mas não era da sua natureza deixar que os outros vissem a sua dor. Era reservada e mantinha os sentimentos bem escondidos.

Quando se voltou para Elizabeth, ouviu alguém bater à porta.

Com a permissão de Elizabeth, Joanne assomou à entrada com a sua cabeça loira, deslocando ligeiramente o véu amarelo

com o movimento. Trazia um vestido azul-claro, e os olhos verdes brilhavam alegremente. Joanne era uma das quatro damas de companhia que viviam com Rowena e que a tinham acompanhado a Hexham para assistirem ao torneio.

— Ainda não estão prontas?

Elizabeth ignorou a pergunta e retrucou de imediato.

— Ele já está no salão? — A excitação na voz de Elizabeth informou Rowena de que se referia ao Conde de Blackmoor.

O conde tinha chegado a Hexham dois dias antes, e até então Rowena tinha conseguido evitar a sua rude companhia. Porém, isso iria mudar em breve.

O rosto de Joanne ficou resplandecente.

— Sim, acabou de chegar.

Elizabeth atirou a cadeira ao chão com a pressa de sair da sala.

Enfadada, Rowena levantou-se e seguiu as amigas, que corriam agora de uma forma muito pouco elegante enquanto se riam e recordavam o seu encontro anterior com o conde.

— Nem acredito que ele me trouxe em braços — disse Joanne sem fôlego. — Oxalá eu tivesse despertado nessa altura.

— Oxalá tivesse sido eu a desmaiar — cortou Elizabeth —, para poder ser transportada naqueles braços fortes.

Rowena abanou a cabeça. Mesmo a contragosto, um sorriso bailou nos seus lábios. Adorava as suas duas amigas, mas havia alturas em que ainda agiam como crianças e não como mulheres adultas.

Elizabeth e Joanne detiveram-se na galeria, onde muitas outras mulheres se debruçavam sobre o murete de pedra para espiar os homens no andar de baixo. O salão estava cheio de pessoas, cães e músicos, e os criados preparavam as mesas para a refeição da noite. Rowena ouviu várias mulheres a suspirar por Lorde Stryder, o Conde de Blackmoor.

— Aquele cabelo é escuro como o céu da meia-noite!

— Oh, sim. E os seus ombros são mais largos do que os de qualquer outro cavaleiro.

— Percebe-se pela sua passada que é um homem que sabe satisfazer as necessidades de uma mulher. Oxalá pudesse tirar isso a limpo.

Rowena desfiava distraidamente a manga enquanto tentava alhear-se daquela algazarra. Fez um esforço enorme para não vomitar ali mesmo.

— Ouvi dizer que ele jurou nunca casar.

Rowena ergueu o sobrolho ao ouvir aquele comentário. Afinal de contas, talvez ele tivesse alguma inteligência.

— Porque juraria ele tal coisa? — perguntou Elizabeth.

— Dizem que está amaldiçoado.

— Amaldiçoado com uma beleza estonteante e a valentia de São Jorge. Quem me dera ser amaldiçoada com tal homem!

Incapaz de suportar mais comentários, Rowena afastou suavemente as mulheres da sua frente e desceu as escadas. Elas que ficassem embasbacadas a olhar. Tinha mais o que fazer, como encontrar algo amargo para remover o sabor delicado dos seus comentários da garganta.

Ao entrar no vestíbulo, um jovem pajem chocou sem querer contra ela, com a pressa de ir buscar mais vinho para o seu senhor. Rowena tentou manter o equilíbrio, porém, assim que se endireitou, um cão saiu disparado na sua direção e ficou preso na bainha do seu vestido. Empurrada para a frente, sentiu-se a cair.

Susteve a respiração e estendeu os braços à procura de estabilidade. Quando pensava que estava prestes a perder a dignidade, espalhando-se ao comprido no meio da multidão, alguém a amparou.

Um par de braços fortes fizeram-na rodopiar e cingiram-na contra um peito musculado.

Rowena olhou para cima e sentiu o queixo vacilar.

Nunca em toda a sua vida tinha tido tal visão...

Nunca.

Olhos azuis, intensos e penetrantes, plasmados num rosto de puro encanto masculino. Por pouco não estendeu a mão para percorrer os ângulos esculpidos daquele maxilar perfeito, para sentir o leve roçar do escanhado negro na ponta do dedo...

Ele era uma visão de beleza.

Perfeito.

Tinha aquela rara beleza viril que seria confundida com traços femininos não fosse o contraponto da sua masculinidade crua e intensa, ou da sua envergadura.

Era enorme! Alto e musculado, segurou-a com facilidade. Os seus longos cabelos desalinhados indiciavam um desprezo pelas modas mais atuais, e o humor no seu olhar revelava que possuía uma natureza afável.

Enquanto ele a observava, fascinado, o rosto de Rowena ardia com o rubor.

Verdade seja dita, não podia haver amplexo mais constrangedor. O corpo de Rowena estava inclinado para trás e ela fixava o rosto do homem suportada apenas pela força dos seus braços. Ele rodeava-a de calor e segurança, e o seu rosto atraente denotava um misto de preocupação e diversão.

— Sente-se bem, *milady*? — perguntou.

Havia música no seu tom de voz. Um tom grave e cavo que, garantidamente, ressoaria com beleza se o usasse para cantar.

Envolvia-o uma aura de perigo, mostrando que ele não seguia as regras de ninguém, apenas as suas. Uma aura que anunciava um lado sombrio e sinistro, assustador, não se desse o caso de ser suavizado por um bom humor encantador. Foi aquela invulgar dicotomia que prendeu a sua atenção.

O cabelo preto ondulado varria-lhe os ombros largos e, quando sorriu, ela reparou nas covinhas que lhe desenhavam luas profundas no rosto.

O seu coração começou a bater descompassado e foi percorrida por um arrepio ao fixar aquelas covinhas.

Tinha-lhe feito uma pergunta. Ela sabia que sim, mas não conseguia lembrar-se do teor.

Até que ele a pôs no chão.

Mortificada por não se ter mexido e por estar a agir de forma tão infantil como as amigas, Rowena sentiu outra onda de calor a assomar-lhe ao rosto.

Num esforço para desviar o olhar da bonomia daqueles olhos azuis, pousou o olhar no seu peito largo. Uma túnica vermelha e preta deslizava sinuosamente sobre os seus músculos definidos, músculos que ainda há pouco tinham estado pressionados contra ela.

O corpo era um regalo para os olhos.

Mas foi então que ela *a* viu...

A espada que ele trazia presa às ancas definidas.

— Um cavaleiro — pronunciou lentamente, compreendendo agora o lado negro que tinha pressentido.

Cavaleiro, assassino... eram sinónimos, e ela devia ter adivinhado que ele pertencia a essa maldita ordem. Não devia ter sido apanhada de surpresa pela informação, visto que, na sua maioria, os nobres eram cavaleiros. Uma onda de amarga desilusão apoderou-se dela.

Como desejava que ele tivesse nascido noutra berço. Era uma pena que um homem tão bonito perdesse o seu tempo em esforços tão inúteis e cruéis.

— Sim, *milady* — soou novamente aquela voz maravilhosa e melódica. — Um cavaleiro ao seu serviço.

Pensou que devia estar grata pelos reflexos rápidos que a ampararam e impediram de cair, mas depois percebeu que esses mesmos reflexos tinham sido apurados com o intuito de matar. Antes cair mil vezes ao chão do que um só homem morrer na guerra.

— Agradeço os seus préstimos, senhor — disse ela num tom de voz em que transparecia todo o impacto ártico do seu humor. Com isto, começou a afastar-se dele.

— *Milady*? — Sem pensar, ela parou e voltou-se para ele. — Posso saber o seu nome?

— Não.

Desta vez, quando ela se afastou, ele bloqueou-lhe o caminho.

— Não? — perguntou, com os olhos plenos de espanto, mas ainda assim afáveis e acolhedores. Era óbvio que não estava habituado a ouvir aquela palavra a sair dos lábios de uma donzela.

— Não precisa do meu nome, cavaleiro. Tenho a certeza de que há por aqui muitas donzelas ansiosas para que saiba o seu, mas eu não sou uma delas.

Ele retorceu um canto da boca, revelando uma única covinha na face esquerda. Apesar dos seus esforços em contrário, ela achou o seu semblante... encantador?

Não, não era bem essa a palavra, ela achou-o... charmoso, por mais que lhe custasse a admitir. Ele era efetivamente fascinante.

— Digamos que é mera curiosidade. Afinal de contas, não é todos os dias que dou por mim com uma mulher desconhecida nos braços.

Rowena mordeu o lábio inferior num esforço para conter o sorriso que parecia querer trair a sua vontade.

— Algo me diz que isso não é verdade.

Um riso franco reverberou nos ouvidos da donzela quando ele lhe lançou um sorriso rasgado. Aquele sorriso teve um efeito surpreendente no seu corpo. Sentiu a respiração acelerada e a cabeça à roda.

— Digamos, então, que são raras as vezes que dou por mim com uma donzela relutante nos meus braços.

— Nisso já acredito.

Deu um passo atrás, mais por medo do seu súbito desejo de ficar com ele do que da sua posição. O que se passava com ela? Nunca quis a companhia de tais homens, e agora, de repente, só pensava em ter um momento a sós para conversar com este.

Devia ter abusado do vinho.

Ainda não bebeste nada, Rowena. Acabaste de entrar no salão.

Então deve ser da excitação dos acontecimentos do dia. Sim, é isso.

Só pode ser isso.

— Dá-me licença? — perguntou.

Ele recuou com relutância.

— Só desta vez, *milady*. Quando voltarmos a encontrar-nos, conto saber o seu nome.

— Se isso acontecer, cavaleiro, voltará a sair desiludido.

Algo semelhante à admiração brilhou naqueles olhos de um azul profundo.

— Devo avisá-la que não lido bem com a desilusão.

Rowena sorriu a contragosto. Estava a gostar daquela luta de palavras. Não era todos os dias que encontrava um homem ou uma mulher à sua altura.

— E eu devo avisá-lo de que não gosto de ser avisada.

Desta vez, quando se virou, ele não tentou detê-la, mas ela voltou a ouvir o seu riso.

Oh, pensou com um suspiro, que pena ele ser cavaleiro. Com aquela voz e aquela postura, daria um excelente trovador.

Do outro lado da sala, Rowena fez os possíveis para não ceder à tentação de se voltar para ver se ele a observava. Repetiu para si mesma, vezes sem conta, que isso não tinha a menor importância.

Ele não passava de um cavaleiro implacável e cruel.

Quando chegou junto a outro menestrel, virou-se para trás. Não que estivesse à procura dele, garantiu para si mesma. Era Elizabeth, Bridget ou Marian que procurava. No entanto, quando o seu olhar percorreu a multidão e ela não viu sinais do cavaleiro, não conseguiu evitar a desilusão.

Era melhor assim. Tudo o que um homem daqueles poderia oferecer era uma viuvez precoce e o desgosto amoroso de saber que é pródigo em saltar de cama em cama, sem atender aos sentimentos de uma mulher.

Aquelas palavras estavam plenas de verdade, mas mesmo assim ela interrogou-se qual seria o seu nome.

Que nome faria jus a um homem de tamanho charme e beleza? Certamente não seria Hugh, Henry ou Edward. Não, teria um nome tão singular como a figura...

Para de pensar nisso!

Procurou esquecê-lo, juntou-se aos seus amigos e obrigou-se a desfrutar da conversa.

Henrique Plantageneta, rei de Inglaterra, governante da Normandia, Anjou e Aquitânia, um dos homens mais poderosos do mundo, estava sentado nos seus aposentos com um pano húmido sobre a testa.

Tinha as têmperas a latejar, o coração a bater desabrido e a certeza de que podia muito bem morrer de agastamento nos minutos seguintes.

Se mais algum cavaleiro, barão, conde ou outro entrasse pelos seus aposentos, implorando que ele obrigasse Stryder de Blackmoor a casar com a filha, matava-os.

A todos.

Enlouqueceria de raiva e abater-se-ia sobre a sua corte como a Morte para buscar algum alívio dessa praga de gafanhotos determinada em matá-lo.

— Toma. — Eleanor, sua mulher, colocou-lhe um novo pano frio na testa. Era uma rainha elegante. Alta, esbelta e loira, inveja de toda a Cristandade, e em momentos como aquele Henrique lembrava-se do motivo pelo qual se tinha casado com ela (sem

esquecer o facto de ela possuir mais terras francesas do que o próprio rei de França).

Henrique entregou-lhe o pano já morno e sorriu.

— O que devo fazer, Nora? — perguntou à mulher. — Parece que nenhuma donzela do reino está disposta a casar antes de Stryder escolher uma noiva. Mas o que raio atormenta tanto estas mulheres?

— Se fosses mulher, Henrique, não terias de perguntar isso. Ele é um homem muito bonito e é mais rico do que tu.

O rei soltou um suspiro irritado. Para seu horror, voltavam a bater à porta.

— Se não for o médico, mandem-nos embora.

Os guardas abriram a porta a Lionel de Sussex. Estavam prestes a expulsar o homem quando Henrique os deteve.

— Não, ele é uma das poucas pessoas que recebo de bom grado. A menos que me venha falar de Stryder de Blackmoor.

Lionel franziu a testa. Avançou e fez uma vénia profunda, sem nunca desviar o olhar da cabeça de Henrique, onde pendia o pano.

— Tem dores, meu senhor?

— Sim, mas ainda estamos a tentar decidir qual delas é a pior. A dor de cabeça ou a dor de...

— Henrique! — cortou Eleanor.

— Pescoço — disse ele, indignado. — Eu ia dizer «pescoço».

Eleanor lançou-lhe um olhar de incredulidade.

Lionel beijou a mão da rainha antes de esta se sentar ao lado de Henrique, que ficou a ver o seu velho amigo percorrer o espaço entre a cadeira e as portas. Sabia o que preocupava Lionel.

— Ela não se decide?

— Decidir? Não, Majestade. Não aceita ninguém. Meteu na cabeça que é professora e quer fundar uma escola.

Henrique como que rosnou ao ouvir aquilo. Lady Rowena era uma herdeira cuja riqueza não residia na quantidade de moedas, mas no facto de ser herdeira de praticamente todo o sul de Inglaterra. Quem se casasse com ela controlaria a fronteira do seu reino e separaria a parte norte de Inglaterra das suas terras em França.

Com todos os problemas que estava a ter com Filipe de França, a última coisa que queria era que as terras caíssem nas mãos do

inimigo. Nas mãos erradas, esse território significaria o fim do seu reinado.

— Qual era o problema de Lorde Ansley?

— Tal como os outros, é cavaleiro. E ela diz que não vai considerar um cavaleiro.

— Então, obrigue-a! — explodiu Henrique.

Lionel suspirou.

— Oxalá fosse tão simples, Majestade. A última vez que tentei obrigá-la a fazer alguma coisa, ela fugiu para o continente e só voltou a aparecer quando concordei em esquecer os planos que tinha para ela. Enviei mais de quarenta homens à sua procura, mas foi debalde. Ela só voltou porque assinei um documento a dar-lhe o poder de recusar qualquer pretendente que lhe propusesse.

Eleanor riu-se.

Os dois homens olharam para ela.

— Perdoem-me, senhores — disse ela, sorridente. — Confesso que admiro a temeridade e o engenho da donzela.

— Vais continuar a fazê-lo quando o Filipe se sentar no nosso trono?

A rainha recompôs-se imediatamente.

— Acalma-te, Henrique.

Lionel passou uma mão pelo cabelo castanho grisalho em sinal de frustração.

— Receio bem que terei de viver para sempre. Não posso morrer e permitir que as terras vão parar às mãos de um homem que não seja capaz de as proteger.

Henrique resfolegou.

— Não leve a mal, Lionel, mas nem agora confio nas suas capacidades para preservar a herança da donzela. Há muitos homens que estão a ficar impacientes com a sua indecisão. Mais cedo ou mais tarde, um deles irá tomar uma atitude.

— Não me ofende, Majestade. Tenho o mesmo receio sempre que uma daquelas bestas gananciosas vem pedir a mão dela. Sei que o que diz é verdade e estou-lhe grato por isso.

O rei tirou o pano da testa.

— O que se passa com a juventude de hoje? — Henrique dirigiu a pergunta ao teto como se o fizesse ao próprio céu. — No meu

tempo, casávamo-nos quando era suposto casarmos e casávamos com quem devíamos casar. Agora, tenho um conde que se recusa a aceitar uma noiva, e uma herdeira estrategicamente colocada que preferia ficar sem cabeça a aceitar um cavaleiro como marido. Tem de haver uma solução para isto. — Eleanor chegou-se para a frente na cadeira. — Não, Nora — disse Henrique quando reparou na expressão especulativa que estava plasmada no seu belo rosto. — Não digas o que estás a pensar.

Ela afastou as palavras do rei com um movimento da mão.

— São perfeitos um para o outro. Quem melhor para guardar as nossas fronteiras do que Stryder de Blackmoor? Ele é dos poucos cuja lealdade está acima de qualquer suspeita.

— Sim, mas lembra-te do que aconteceu quando tentei casá-lo com a Kenna. Ele ainda não me perdoou.

— Isso foi porque lhe deste uma *ordem*, Henrique. E olha que ele até te teria obedecido.

— Sim, mas um conde furioso na Escócia é uma coisa. Um conde furioso sentado em terras que dividem o meu reino é algo completamente diferente.

A rainha tamborilou os dedos no braço da cadeira, aparentemente sem lhe dar ouvidos. Típico. Eleanor só ouvia o que queria.

— Conheço a Rowena desde criança. Tal como o Stryder, se lhe disseres para ir para a direita, ela vai para a esquerda. Se os juntarmos...

— A Rowena vai repudiar o seu cavaleiro, Majestade — cortou Lionel. — Ela despreza todos os cavaleiros.

— Mas não existe mulher cujo coração seja imune a Stryder de Blackmoor — contrapôs ela. — A Rowena é uma mulher e ele não é um cavaleiro normal. Se os juntarmos, tenho a certeza de que se vão entender.

Henrique semicerrou os olhos.

— Não sei se concordo contigo.

— Raramente o fazes.

Ele ignorou o veneno das suas palavras.

— Mas gostaria de ver os dois casados. O que sugeres?

Eleanor pensou um pouco.

— A Rowena quer poder escolher o marido. Vamos dar-lhe essa escolha.

— Estás doida? — questionou Henrique. — Ela vai escolher um daqueles castrados que não saem debaixo das tuas saias. Um daqueles menestréis impotentes.

A rainha lançou-lhe um olhar que o avisou de que seria sujeito à sua ira se continuasse a menosprezar aqueles que procuravam os seus favores.

— Não, não vai. Há algo que a Rowena preza acima de tudo na vida.

— A sua música — concluiu Lionel.

— Sim, como referiu, ela pensa fundar uma escola. — Lionel acenou com a cabeça. — Nesse caso, vamos satisfazer os seus desejos, meus senhores. Diga-lhe que se ela conseguir ensinar um cavaleiro a cantar no concurso de trovadores a realizar-se no final do torneio, e se ele ganhar, não só lhe permitirá que ela escolha o marido, como vai fundar a sua escola.

Henrique torceu o nariz à ideia.

— Estás a sugerir que ela ensine o Stryder a cantar?

— Sim.

Henrique abanou a cabeça. Conhecia Stryder demasiado bem e já sabia qual seria a sua resposta.

— O Stryder nunca fará tal coisa. Despreza os trovadores ainda mais do que eu. Assim que a Rowena o abordar com a proposta, ele vai despachá-la em três tempos.

— Não se lhe disserem que, no final do torneio, Rowena vai casar com o vencedor.

A sua rainha era pérfida e ele amava-a por isso. Uma política fria e astuta que era impiedosa. Havia alturas em que Henrique pensava que Eleanor devia ter nascido homem.

O plano era brilhante.

— O Stryder será o vencedor do torneio.

— Sim, sem dúvida. O seu orgulho nunca lhe permitiria perder. Só conseguirá evitar o casamento com Rowena se cantar. Para tal, terá de estar perto dela para aprender uma canção e praticar. Assim que começarem a conviver, prevejo que o amor siga o seu curso natural.

Henrique só via uma falha no plano.

— E se ele ganhar o concurso de trovadores e a Rowena não o escolher como marido?

— Nunca disse que não era arriscado, Henrique. Mas sei que ela vai escolhê-lo.

— Repito, e se estiveres enganada?

— Nesse caso, matamos o homem que ela escolher — disse Lionel, friamente.

Eleanor soltou um gemido exasperado, como se essa solução lhe causasse dor.

— Isso não será necessário. Confiem em mim. Conheço os homens e as mulheres.

Henrique não duvidava disso. A sua rainha sabia manipular as pessoas.

Era um risco. Se Rowena ganhasse, provavelmente nunca escolheria um marido. Mais cedo ou mais tarde, teria de a obrigar a fazê-lo.

Mas se Eleanor tivesse razão...

— Pois bem. Vamos experimentar e ver o que acontece.

Lionel benzeu-se.

— Vou já tratar de dar a notícia à minha sobrinha.

Destemidos, são homens leais aos oprimidos e à sociedade secreta conhecida como a Irmandade da Espada. Mas nunca se deverão render aos anseios fervorosos dos seus nobres corações...

UMA MULHER DEDICADA AO AMOR

A bela e pacífica Rowena, donzela apaixonada pela música e pelas artes, conhece bem a fama de Stryder de Blackmoor enquanto guerreiro feroz e cavaleiro destemido; ou seja, tudo aquilo que ela quer evitar. Mas, ao cruzar-se com ele por força do destino, nota que existe um fogo no olhar deste cavaleiro indómito que ela nunca viu nos seus pares: ternura e necessidade de amar e ser amado. No entanto, seria uma loucura entrar no seu mundo — algo que violaria todos os princípios pelos quais sempre regeu a sua vida. É forçoso que resista, a todo o custo, ao desejo de cair nos seus braços.

UM HOMEM DEDICADO À GUERRA

Tendo jurado lutar pela justiça, Stryder nunca desejou os confortos de uma vida comum ou de um lar — isto, até contemplar o rosto delicado e a figura da incomparável Rowena. Stryder, todavia, que jurou nunca conhecer o amor, não ousa sucumbir aos seus encantos sensuais. Mas quando a traição e o perigo ameaçam a paz do reino, o nobre cavaleiro deve assumir-se como o paladino oculto da sua senhora — mesmo que os seus atos possam custar-lhe a honra, o juramento que fez a si mesmo... e o seu coração.

«A escrita da autora é viva, irónica e implacavelmente imaginativa.»

Boston Globe



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896237097



9 789896 237097 >